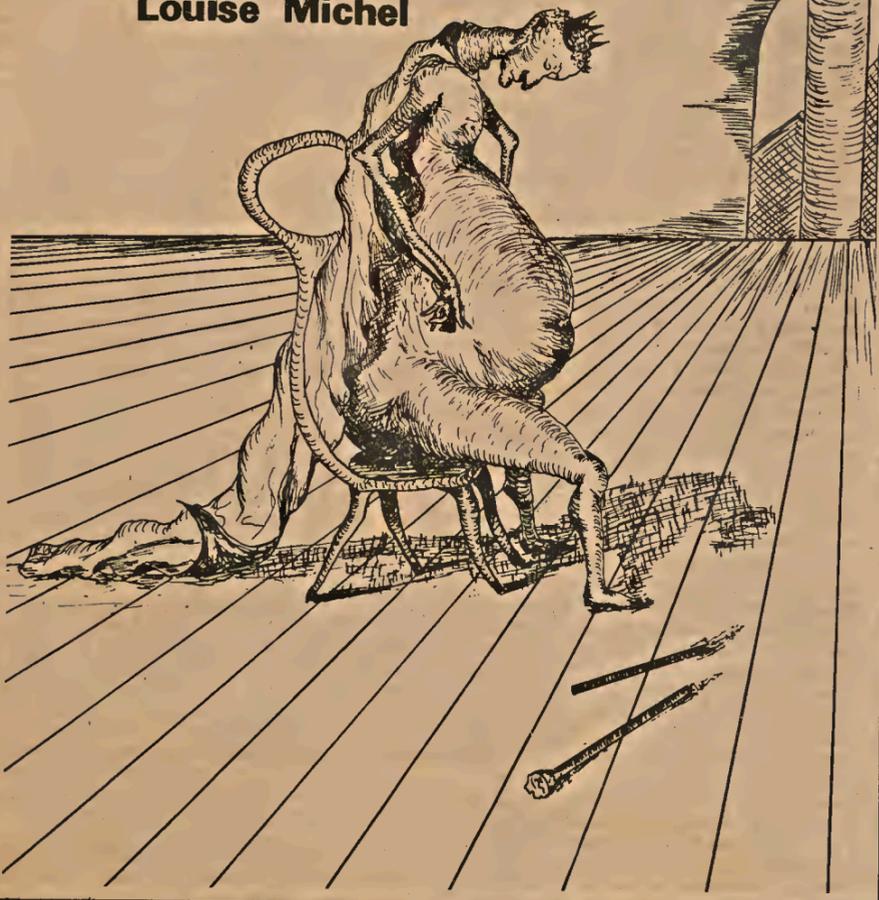


**"NÃO PODEMOS MATAR AS IDÉIAS
A TIROS DE CANHÃO
NEM TAMPOUCO ALGEMÁ-LAS"**

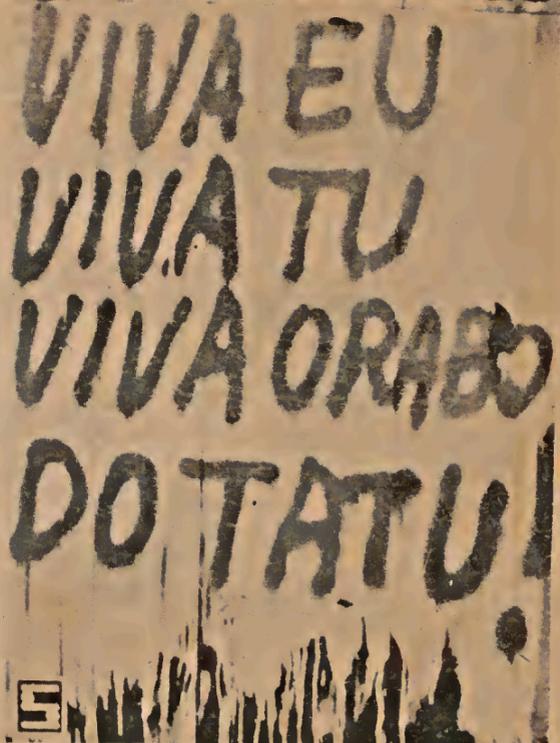
Louise Michel



Roberto Freire

"Falando sobre o dever de todos os homens submetidos a qualquer forma de opressão de lutarem para a libertação de si mesmos e de toda a sociedade, Roberto Freire diz que definitivamente não lhe seduz mais a idéia cristã de "Paraíso Celestial" para depois da morte, nem a idéia marxista de "Paraíso Comunista" num "futuro longínquo e incerto na história" e sim o projeto que lhe interessa é o "Paraíso, Agora", p. 266. Mais adiante ele declara: "Não consigo sentir amor e respeito algum pelos governos capitalistas e socialistas autoritários; sinto é medo da violência de seu poder coercitivo contra a minha liberdade de ser e pensar".

Comentário completo sobre o livro *Viva Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu!* na página 2.



ANO I, Nº. 2, — SALVADOR — BAHIA, MAIO DE 1978. Cr\$6

O INIMIGO DO REI DO

O INIMIGO DO REI, ENFIM UM JORNAL ANTIMONARQUISTA.

**A OPÇÃO ESTÁ
NA AUTOGESTÃO**

"O erro fundamental desses grupos é a crença em que o sucesso do Movimento Estudantil (ME), como um todo, depende de um rígido controle, de um dirigismo sobre o mesmo; acham eles que lhes cabe a "liderança" do ME. Liderança esta, segundo eles, indispensável à existência do próprio movimento".

Federação Livre: uma opção autogestionária. (Página 8).

**O AUTORITARISMO
NA UNIVERSIDADE**

"Não é por acaso que muita coisa está sendo desmistificada nestes últimos tempos. Cai por terra o autoritarismo (e a ordem é sempre combatê-lo, venha sob que forma vier). Pois bem. É sabido também que o autoritarismo está em todos os lugares. Ele é a mola-mestra para o funcionamento da família tradicional; impera nas ciências médicas, no tratamento psiquiátrico, nos governos, e, aqui entre nós, nas escolas".

Aos mestres, com carinho. Página 2.

**NOMEADOS OS
INTERVENTORES**

"Não adianta estas nomeações se revestirem de caráter legal através das emendas feitas à nossa vilipendiada constituição. Todo o poder para ser legítimo tem que emanar diretamente do povo, não sendo assim é arbítrio e só quem tem poder de alterar a constituição é o povo através dos seus representantes livremente eleitos".

PARIS



VIVA O RABO DO TATU!

Todo comentário que se fizer a respeito do livro de Roberto Freire se refletirá necessariamente na figura do próprio autor. O livro é um grito de guerra do autor, grito no qual ele não está sozinho, o grito pela liberdade, o grito contra o medo.

A pedra-de-toque do livro é uma trilogia que ele se propõe desvendar: O que é, para que serve, a quem serve um psicoterapeuta em nossa sociedade? "Roberto Freire já foi psicoterapeu-

ta, antipsicoterapeuta e hoje nos explica em seu livro uma nova abordagem das ditas "doenças mentais" no homem: a somaterapia. Esta é uma visão do homem em seu conjunto, do homem em sua unicidade, corpo, mente, tudo. A razão desta visão é a descoberta de que a quase totalidade das chamadas "doenças mentais", não são nada mais nada menos que uma estigmatização do Sistema sobre aqueles que ousam não se adaptar à opressão vigente. Ainda mais, o "doente mental" é o único que apresenta sinais evidentes de resposta à falta de liberdade.

Quando o terapeuta (psiquiatria institucional, do Sistema) procura "curar" o "doente mental" adaptando-o a um meio social como o nosso, está sendo um empregado do Estado e está matando a resistência do "doente" que se manifesta sob o rótulo de "loucura" que lhe é impingido pelo mesmo Estado. E Roberto Freire nos diz: "Está claro que para mim que o que se convencionou chamar de "doença mental" é o saldo de insatisfação e de confusão nas pessoas que ainda lutam por ser elas mesmas, fruto da enfermidade social do lugar onde essas pessoas vivem e foram formadas", (p. 216). E diz mais: "... o papel do terapeuta honesto é lutar contra o que as coisas oficiais consideram sadias e a favor do que as coisas oficiais chamam de neuróticas: Por isso gosto de chamar meu trabalho de antipsicoterapia; porque está A SERVIÇO e não CONTRA a neurose", (p. 142). E por saber que os rotulados como loucos têm um enorme potencial de luta, o autor diz que a somaterapia que ele pratica se resume em "tu me ensina a fazer renda que eu ensino a namorar" (p. 135), em seu relacionamento com os clientes.

Mas o livro não fala apenas de psicoterapia. O autor consegue uma proeza que falta à maioria dos intelectuais: coragem de assumir a discussão de todo e qualquer assunto que esteja relacionado com a libertação do homem.

No capítulo "Dos Direitos Humanos à Bomba de Neutrons", ele assume posição clara a respeito de Carter e sua campanha: "Não tenho, realmente, nada a discordar da campanha do Presidente Carter, muito pelo contrário, e sobretudo no que ela diz respeito ao que possa beneficiar o restabelecimento dos Direitos Humanos em meu país. Entretanto, não consigo encontrar um mínimo de sinceridade no Presidente Carter. Pelo contrário, o considero muito cínico e contraditório. Refiro-me ao fato de, ao mesmo tempo, liderar uma campanha mundial pelo respeito aos direitos humanos e aprovar a fabricação da Bomba de Neutrons, cuja grande

vantagem sobre as outras é exatamente, não destruir nada material (como cidades, dinheiro, armas, etc.) e reduzir a nada as coisas vivas, como o homem e seus direitos, por exemplo".

Um capítulo inteiro é dedicado à Anistia Internacional. A famosa organização que no Brasil, Chile, Paraguai e Argentina (entre outros) é conhecida como: "coisa de comunista com o fim de defender subversivos do caos e do materialismo desumano"; a mesma ainda que é conhecida na União Soviética, China, Cuba e Angola (entre outros como: "coisa de burgueses com o fim de defender os saudosos do capitalismo e os sabotadores da nova ordem socialista". Ou seja, uma organização que defende o homem que foi privado de sua liberdade por suas convicções políticas, religiosas, por divergir do Sistema do país em que vive. Este tipo de organização por certo não agrada nem as ditaduras de direita nem as ditaduras socialistas autoritárias, ambos sistemas igualmente reacionários.

Sobre o dogma da não-interferência de uma nação nos assuntos internos de outra, no capítulo "A Bomba Atômica, os Super-Homens e Seus Maravilhosos Doutores Fantásticos", ele cita Karl Jaspers muito apropriadamente "Da mesma forma que qualquer cidadão de um Estado deve sentir a injustiça praticada contra um seu compatriota como se fora contra si mesmo, assim também os Estados devem sentir-se atingidos pelas injustiças praticadas contra cidadãos de outro Estado. Estados que praticam a violência contra os seus próprios cidadãos alimentam, através dessas violências, a tensão interna e ameaçam a paz mundial, pois que estão sempre dispostos a ampliar o emprego da violência por sobre toda a humanidade", p.54.

Falando sobre o dever de todos os homens submetidos a qualquer forma de opressão de lutarem para a libertação de si mesmos e de toda a sociedade, Roberto Freire diz que definitivamente não lhe seduz mais a idéia cristã de "Paraíso Celestial" para depois da morte, nem a idéia marxista de "Paraíso Comunista" num "futuro longínquo e incerto na história" e sim o projeto que lhe interessa é o "Paraíso, Agora", p.266. Mais adiante ele declara: "Não consigo sentir amor e respeito algum pelos governos capitalistas e socialistas autoritários; sinto é medo da violência de seu poder coercitivo contra a minha liberdade de ser e pensar", (p.289). E, coroando seu pensamento, às páginas 307 e 208 cita o militante anarquista russo Mikhail Bakunin: "A liberdade é o direito absoluto de

cada ser humano de não procurar outra sanção para os seus atos que a da sua própria consciência, de determinar os seus atos exclusivamente pela sua vontade própria, e de ser, por consequência, apenas responsável perante os seus próprios princípios. A liberdade não pode e não deve defender-se senão pela liberdade; e é um contrasenso perigoso querer feri-la, sob o pretexto especial de a proteger", (capítulo, "Caminante, no hay camino"; se hace camino al andar").

O que mais se sente na obra de Roberto Freire é o sentido de libertação de imposições exteriores que ele dá aos seus escritos. A irreverência do título do livro, principalmente para o intelectual pequeno-burguês que confunde "estar sério com ser sério", deve estar gerando polêmica em qualquer meio onde ele já foi lido. O livro todo é um processo de desmistificação do intelectualismo pequeno-burguês. É todo um grito, como já dissemos, um grito por liberdade, um grito de luta. E só podemos ser fiéis nesta resenha se a terminarmos com as palavras do próprio autor às páginas 190 e 191: "Quando não escrevo o que quero no sistema em que vivo, é porque tenho medo que me prendam, que me torturem e que me matem. Porque sei que se levar minha espontaneidade a seu limite total e atingir a necessária liberdade para que me sinta total e necessariamente livre, vou sofrer muita dor física e posso ser morto".

"Por que? Porque tudo o que tenho de mais profundo e de mais sincero e de mais urgente para escrever é o meu horror e ódio à censura e aos sistemas repressivos à ação, à criação e à expressão críticas. Porque o que mais me entristece e envergonha é ter perdido os melhores anos de minha vida criativa temendo a censura do sistema repressivo em que vivo, produzindo coisas indiretas e simbólicas, não sendo totalmente sincero".

"Quero meu lugar ao sol e cedo ao sol um lugar no meio de meu corpo, onde me brota a vida. E deixo à censura o seu papel de matar a vida e de secar o amor. Mas que ela faça isso sozinha, por sua conta, seu risco e seu preço.

"... terapia hoje para mim é sinônimo de luta e de guerra, sobretudo contra a censura e a autocensura. Assim, parafraseando Belchior, posso afirmar tranqüilo: ANO PASSADO EU ME MATEI; ESTE ANO NÃO ME MATO MAIS".

"Viva Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu!", de Roberto Freire. Edições Símbolo, 1977, São Paulo. 344 pp. Cr\$ 105.

AOS MESTRES COM CARINHO

O INIMIGO DO REI

Este jornal foi editado pelos grupos: FANTASMA DA LIBERDADE, FIM DE FESTA, UM ESTRANHO NO NINHO e OVELHA NEGRA.

Se você deseja entrar em contato com a FLE ou então escrever para O INIMIGO DO REI, mandando sugestões, críticas ou mesmo colaborações, enderece sua carta para: FLE, Caixa Postal: 2540, 40.000 - Salvador, BA.

Não é por acaso que muita coisa está sendo desmistificada nestes últimos tempos. Cai por terra o autoritarismo (e a ordem é sempre combatê-lo, venha sob que forma vier). Pois bem. É sabido também que o autoritarismo está em todos os lugares. Ele é a mola-mestra para o funcionamento da família tradicional, impera nas ciências médicas, no tratamento psiquiátricos, nos governos, e, aqui entre nós, nas escolas.

Se, por um lado, a mentalidade alienada da grande maioria dos jovens brasileiros de hoje em dia (fruto, evidentemente, de anos de total bloqueio cultural) é um fator de entrave para o livre funcionamento da Universidade como instituição pensante, renovadora, criadora (o que vemos são até mesmo os próprios colegas utilizarem do autoritarismo entre si), não resta dúvida de que a mentalidade reinante no chamado corpo docente da Universidade completa o quadro desfavorável à uma atividade mais civilizada.

Vivemos uma época onde a autoridade da medicina, por exemplo, é questionada veementemente e os médicos deixaram de ser "papas" para passarem a ser simples seres humanos que, como tal, erram. Uma época onde se questiona se louco é quem está DENTRO do hospício mesmo ou quem está FORA dele. Pois bem. É neste tempo, quando o desenvolvimento do pensamento anti-autoritário cresce e o homem começa a tentar, por todos os meios, cavar o caminho para a verdadeira liberdade, é exatamente aí que nossos mestres, imbuídos ainda daquele autoritarismo do tempo da palmatória, conduzem seus alunos, seus "subordinados", como quem conduz um bloco de mongóides (evidentemente não-pensantes) que se deixa levar ao sabor das decisões sempre arbitrárias.

É evidente, por outro lado, que existem exceções. Raríssimas e ainda envergonhadas e preocupadas com "o que podem dizer os outros". No mais, todos redundam de alguma forma no autoritarismo.

Se este autoritarismo vem sob diversas formas (algumas até dando a impressão de liberais), isto fica a depender do estilo de cada um. Existe, por exemplo, a clássica figura da autoridade professoral, o "senhor de idade", sempre tratando "a meninada" na base das brincadeiras debilitadas (de que decerto foram vítimas na infância). Este tipo censura, manda,



desmanda, aplica em geral métodos didáticos do arco da velha, tudo sob a capa do "senhor bonzinho".

Fruto de um período cuja geração entra agora em desaparecimento gradual, este tipo está sendo gradativamente substituído por um outro. Mais jovem, sempre querendo aparecer sob a capa de atualizado nos mais modernos métodos de qualquer coisa, este gênero exerce um outro tipo de autoritarismo, ainda mais perigoso que o anterior. O autoritarismo intelectual. Não se sabe bem por que cargas d'água, mas o fato é que aqueles que se enquadram neste gênero se acham donos, se não de todo o conhecimento, mas pelo menos da parte que diz respeito ao assunto de que trata. E aí, em doses homeopáticas, divididas e sub-divididas nos infernais mapas de horário da Universidade, eles começam a "ceder" este conhecimento aos alunos.

Nesta etapa muitos divergem quanto ao método. Proliferam, entretanto, aqueles que — em alguns casos — escondem sua incompetência na forma da

aula/texto, da "discussão do tema", (quando nenhum dos lados tem subsídios para discutir nada) etc. Mas, no fim das contas, lá estão eles para julgar o trabalho final, para dar a nota, para dizer quem pode e quem não pode "passar", quem é capaz e quem não o é, baseando-se exclusivamente nas respostas às questões mal lançadas nas aulas e que encontram sempre cérebros confusos e caóticos nos estudantes, desinformados pelas razões já tratadas no início deste artigo.

Aí, não poderia dar em outra coisa. A preocupação é "passar", ficar "livre" da Universidade pela simples razão de que ela passa a ser um entrave na vida do sujeito. As Ciências Humanas — como já se está cansado de saber — são relegadas a planos inferiores. A Universidade não pensa. Os estudantes, abalados, se deixam ao sabor da maré autoritária, sempre saindo de um chicote para cair no outro:

E o pior é que este chicote às vezes é manejado pelos próprios colegas.

PARIS, MAIO DE 68

"ESTÁ PROIBIDO PROIBIR".

(inscrição nos muros de Paris em maio de 1968).

Em maio de 1968, em Paris, os estudantes saíram às ruas e a intensidade das manifestações fez com que esta data se tornasse um símbolo.

Revoltas estudantis têm existido sempre. Em todas as partes do mundo. No entanto, maio de 68, na França, se tornou um marco.

Em primeiro lugar, como já vimos, por causa da sua intensidade. Mas as suas consequências, dez anos depois, o fato de ter se tornado um ponto de referência, não só dentro da França e Europa mas também em todos os lugares do mundo, vai nos levar ao conteúdo da revolta.

O significado da revolta estudantil de maio de 68 em Paris, é muito maior do que o próprio fato histórico. É o final de uma fermentação de idéias, de fatos que estavam sendo sabidos, que explodiram violentamente nas ruas e, ao mesmo tempo, uma série de reflexões que têm como um dos mais recentes elos da cadeia, André Glucksmann, com o seu "A Cozinha e o Canibal".

Não vamos tentar seguir, cronologicamente, o movimento de maio, mas sim apreender o seu significado histórico e as suas consequências. São por demais sabidos os fatos e o ritmo dos acontecimentos. Não nos faltam aqueles que dizem com orgulho: "Eu estava lá em maio". E narram, aqui e ali, uma das passagens, como se aquilo fosse um filme exibido para turistas. Uma ocasião, uma destas pessoas nos afirmou que um dos começos da "coisa" ocorreu quando um anarquista francês tirou o pavilhão nacional de cima de um lugar público, substituindo-o pela bandeira negra, símbolo do anarquismo. Mas vamos deixar de lado todos os casos e nos ater ao que foi, afinal de contas, maio de 68 na França.

Em primeiro lugar, é preciso que saibamos que a França vive não só geograficamente longe do Brasil, mas é uma sociedade num estágio de capitalismo diverso.

Fazendo parte da Europa, passando pelas crises que passou — a invasão dos nazistas, a resistência e a libertação — este país, possui, para só citar a história recente, experiências políticas que nós nunca tivemos. Outro fato importante é a sua proximidade geográfica com os países socialistas e a sua estrutura democrática no que diz respeito à informação. Publica-se tudo, partido comunista legal, vê-se tudo desde "Emmanuelles" e "últimos Tangos em Paris" até "Z" de Costa Gravas. O francês é politizado e informado, o estudante desde cedo toma posições. É disputado pelos mil grupos políticos estudantis e obrigado a debater e a se comprometer. Sartre é tão conhecido como Brigitte Bardot e é um país em que recentemente Glucksmann concorreu na televisão com um filme de far-west americano e ganhou...

Portanto, não é a situação destas infelizes republiquetas sulamericanas onde as informações nunca chegam, os filmes são proibidos os estudantes são mantidos na mais selvagem alienação. O paraíso das fotonovelas onde qualquer jogador de futebol é conhecido e debatido em detalhes, mas nenhum autor nacional. (não dizemos filósofo), autor mesmo de estórias quaisquer, seja conhecido além de pequenos grupos de também subdesenvolvidos intelectuais.

Esta situação, gerada pela estrutura econômica da América Latina, sua dependência do imperialismo americano, faz com que toda a sua superestrutura seja também subdesenvolvida. Nossos intelectuais, limitadinhos pela censura, falta de informação e perseguidos pela Polícia, refletem tudo isto, e, assim sendo, as lutas estudantis da América Latina não passaram de repetições pálidas de velhas teses. Não

atingiram os grandes debates do socialismo. Não puderam perceber o fundo das questões. Ficaram no âmbito stalinista. O movimento estudantil de um país subdesenvolvido é também subdesenvolvido.

"No Brasil os fatos, as idéias, as verdades, quando chegam, vêm de caravelas..."

Por exemplo, uma das melhores coisas para o PC atualmente é viver na clandestinidade e as informações serem censuradas. Ele cria, assim, para os intelectuais subdesenvolvidos, uma certa atração mágica. O marxismo passa a ser a única forma de socialismo viável.

O marxismo chegou de caravelas ao Brasil lá por volta da década de 20 deste século. Pouco tempo o PC brasileiro ficou na legalidade. Portanto, não se pode revelar como, na França e na Itália, onde, embora sendo partidões, ficaram inteiramente desgastados. Na atualidade começam a perder o apoio dos intelectuais mais proeminentes — Sartre, Foucault, Laing — para só citar alguns; dos artistas, são raros os engajados no Partido; de grande parte da juventude, hippies e agora, mais recentemente, a juventude estudantil politizada da Europa, que cada vez mais abandona as teses do partido e mesmo o marxismo em busca formas de socialismo mais libertárias.

Santiago Carrillo, coitado, desesperado com uma monarquia que legalizou o PC, criou um inexistente "eurocomunismo". Inexistente porque só existe na cabeça torturada deste senhor. As bases e a organização do PC espanhol não são democráticas, muito pelo contrário, continuam stalinistas. Onde está a democracia? Se o PC espanhol tomasse o poder, coisa cada vez mais improvável em qualquer parte do mundo, implantaria uma violenta ditadura sobre o proletariado.

Atualmente, o marxismo se assemelha à Igreja católica quando começou a apodrecer. Primeiro, os intelectuais a abandonaram. Ninguém mais levava a sério a coisa. Tiveram que ficar reeditando os clássicos e seus comentadores. Depois a juventude pensante. Ficaram os velhos, os ignorantes e os limitados de todas as espécies. Claro, o elefante branco continua se equilibrando para não cair de vez. Os partidos comunistas europeus estão como a Igreja. O mesmo ocorreu com os batistas, e com várias seitas que, embora possuindo vários adeptos, nada significam. Os espíritas, as testemunhas de Jeová. Quem os lê? Quem os leva a sério? Quantidade é uma coisa. Vigência é outra. Quantos mil espíritas existem no Brasil com suas engraçadíssimas sessões? Qual a sua significação? Se eles votassem, elegeriam vários deputados. E daí? Não lhes pertence o futuro mas representam o presente limitado, em desagregação. Estão inchando em número para o apodrecimento final. Se não existisse Censura, falta de informação, analfabetismo, miséria, será que existiriam tantos espíritas, testemunhas de Jeová, adventistas de sétimo dia? Não se sabe...

Curioso. Nenhum intelectual sério no meio... Poucos estudantes. Nenhum artista... Jorge Amado é macumbeiro por oportunismo.

A massa, coitada, de transe em transe, de terreiro em terreiro... Porque os únicos lugares em que a polícia permite ao povo se manifestar são nas sessões espíritas, no futebol e no carnaval.

Os intelectuais, concordamos, não servem pra nada. Ou melhor, têm o seu papelzinho nas mudanças sociais. Como, por exemplo, perceber as contradições de uma sociedade um pouco antes do povo. Nem sempre também. Às vezes, a depender de como as contradições se apresentam, o proletariado antecede o intelectual. Aqui nós entramos naquele velho problema: a periculosidade do intelectual. Vindo da pequena burguesia, ele pode alterar a percepção das contradições sociais e em vez

de aderir ao proletariado. SERVINDO-O, passar à posição de guia, mestre, "organizador" de "partidos proletários". Evidentemente, passa a ser o germe da nova classe DOMINANTE. O socialismo deixa de ser proletário e passa a ser pequeno-burguês.

Deixa de ser libertário e passa a ser autoritário. Por necessidade da nova classe, é óbvio.

Mas, voltemos à França.

Maio de 68 foi, antes de mais nada, uma brutal tomada de consciência de que as formas autoritárias de socialismo não passam de uma versão pequeno-burguesa de socialismo.

Existem duas grandes correntes de socialismo: uma autoritária e outra libertária.

A Primeira Internacional foi dividida pelos debates entre Marx e Bakunin a respeito do papel do Estado e da "ditadura do proletariado" no socialismo. Marx achava que era necessário um estágio de socialismo "preparatório" para a abolição



Daniel Cohn — Bendit, líder do movimento estudantil de maio de 68 (foto 1978).

do Estado. Como pequeno-burguês que era, não conseguiu se libertar inteiramente de seu conteúdo de classe e quis, inconscientemente talvez, garantir para os intelectuais pequeno-burgueses, engajados no socialismo, o poder na nova sociedade. Bakunin percebeu isto de uma maneira assombrosa. Advertiu que qualquer direção em cima do proletariado, principalmente preenchida por intelectuais, seria o germe de uma nova classe e de uma nova denominação. Em vez de "proletariado do mundo inteiro, universos", deveria ser, como diziam as primeiras organizações operárias: "Proletariado do mundo inteiro, unamo-nos!"

Pregava Bakunin a substituição do Estado e instauração de uma forma de socialismo libertária e proletária, onde o poder fosse democratizado e, portanto, abolido como consequência superestrutural lógica da abolição da propriedade privada sem abolir o poder?

Na marcha da história, as contradições podem ser resolvidas pela metade, de maneira que seja adiada uma revolução social mais profunda. Era de esperar que a corrente pequeno-burguesa do socialismo triunfasse e no leninismo fosse ainda mais aguda a sua conotação autoritária. Depois veio Stalin: a primeira grande surpresa de quem, entusiasmado ainda com a praxis socialista, a lógica do marxismo e apavorado com as misérias do capitalismo, não soube o que pensar do terror stalinista. Alguns socialistas libertários inicialmente aderiram à revolução de 1917 (os anarquistas viviam entusiasmados com a Rússia). Kropotkin voltou à Rússia. Emma Goldman também. Ainda sob o governo de Lenin, perceberam que o operariado não detinha o poder dos meios de produção. Emma Goldman foi a primeira a denunciar isso. Finalmente, os anarquistas foram os primeiros a lembrar a Primeira Internacio-

nal e as previsões de Bakunin.

As etapas do desencanto, então, foram se sucedendo. Mais rapidamente na Europa, mais lentamente no resto do mundo. Veio a Guerra. Stalin se espalhou. Na Revolução Espanhola, Stalin uniu-se a Hitler, sob a cumplicidade das democracias européias, mandou matar os anarquistas pelas costas para impedir que uma forma de socialismo libertário triunfasse.

O escândalo de Trotski explodira e o marxismo se fragmentava, mas sem chegar a uma solução. Veio o período de Mao. Afinal, a China era tão longe e fechada que nada se sabia. Onde nada se sabe tudo se imagina... Então, poder-se-ia salvar o marxismo na China. Muitos, aderiram esperançosos. Mas começaram a chegar notícias contraditórias. A repressão sexual, o stalinismo, a ditadura cada vez mais forte, a diferença de salários, a mesma mentalidade desenvolvimentista do Ocidente, o culto à personalidade de Mao, com múmias e tudo. Bem... naquela época ainda não se tinha três múmias marxistas. Só duas, a de Lenin e a de Dmitrov.

De repente, a juventude, antes preocupada com o socialismo de Marx, tentando-o salvar com Trotski, Castro, Mao, passa a analisar uma série de outros problemas. Repressão, autoridade, homossexualidade.

Surge o movimento hippie.

Sartre sai e entra do Partido Comunista Francês. Toda vez que sai, deixa um rombo...

Surtem os dissidentes.

Antes os marxistas diziam que todos eram agentes da CIA. E colava. Agora é mais difícil. Ninguém cai mais nessa. A busca continua.

O socialismo libertário ou anarquismo começa a ganhar força. Na França, Itália, Espanha, Japão. As posições anti-autoritárias e socialistas se espalham entre artistas e intelectuais. Reich é relido e compreendido. Surge Marcuse. Inicia-se a Primavera de Praga.

Em maio, os estudantes de Paris vão à rua: a Revolta Estudantil de Maio de 68.

Foi o primeiro grande sintoma público de massa de que o pensamento socialista começava a retomar o seu caminho original. As bandeiras negras do anarquismo tremularam na França e o sentimento anti-autoritário do socialismo espalhou-se. Foram criticados abertamente os PCs. Os líderes soviéticos e chineses. Sim, algumas bandeiras vermelhas tremulavam e tremularão ainda, mas o engano já foi percebido... O caminho já está aberto. Bakunin deu o primeiro grito de perigo. Nem todos ainda perceberam isto. Muitos só perceberiam depois. Glucksmann era maoísta em Maio de 68...

Mas o significado desta revolta na França foi claro. Foi o eureka do movimento estudantil francês e da orientação política de esquerda que o proletariado, inevitavelmente, percebe dia após dia.

A maioria dos pensadores atualmente são anti-autoritários. Quem não contesta a autoridade da Escola, da Medicina, dos intelectuais, dos campos de concentração, mesmo os marxistas?

Os mais inteligentes, os mais sagazes, os mais descompromissados, perceberam o engano que é o socialismo autoritário e redescobriram as teses anarquistas. Que às vezes não vêm com este nome tão violento, mas com seu conteúdo.

A França reunia as condições objetivas para isto. Os outros países chegam depois. A América Latina, tímida mente. O subdesenvolvimento, as ditaduras militares impedem que se perceba o engano. Mas esse processo é irreversível; mais cedo ou mais tarde, os primeiros chegarão, serão acusados de "agentes da CIA", "de direita", afinal, a nossa velha esquerda autoritária é, como o país, também subdesenvolvida...

A nomeação do próximo Presidente da República pelo atual e a nomeação de interventores para os Estados sem a mínima preocupação com a alienação política em que se mantém pela força milhões de brasileiros, nos leva a pensar em todos aqueles que denunciam como ilegítimas e anti-democráticas estas nomeações. Não nos faltará um Francelino qualquer no entanto, que, com ar sério (que só poderá ser de deboche) e de terno e gravata, nos dirá que o povo participa das escolhas na medida em que os "candidatos" são levados às assembleias estaduais para a aprovação dos seus nomes. E se as assembleias são compostas de deputados eleitos pelo povo, então o povo participa indiretamente.

É necessário lembrar que estes deputados foram eleitos em pleitos sem nenhuma liberdade de propaganda política. Os partidos nos quais estão engajados são criações do próprio governo. Todos têm a mesma paternidade artificial: o AI-2. Seriam representantes do povo brasileiro aqueles que, eleitos em pleitos realmente livres, pudessem se agremiar em organizações partidárias sem coação de nenhum tipo de poder. No Brasil, no entanto, não existe isto. As duas siglas que se dizem partidos são dois sacos de gatos onde se mistura tudo. Bajulação, incompetência, oportunismo e total impossibilidade de fato, de governar. Nem Arena nem MDB podem chegar ao Governo. Basta ver que o futuro presidente foi escolhido sem consulta à Arena e a ela imposto.

Para o mundo, o Sistema brasileiro quer vender uma imagem de democracia. E é isto que nós brasileiros não devemos deixar passar por verdade. Aí é que nos lembramos da funcionária do Departamento de Estado americano, Patricia Derian, encarregada de assuntos relativos aos Direitos Humanos. A revista Veja perguntou a ela o que se poderia fazer quando um governo ditatorial insiste em dizer que é democrático. Ela respondeu: "Eles próprios sabem que estão

fingindo. Uma das razões pelas quais o mundo está na situação em que está é que quando os ditadores chamam seus regimes de democracia, a maioria se limita a dizer, com um sorriso paciente nos lábios, "oh, claro, claro". O que se deve dizer a essa gente é que eles não têm nem estão construindo regimes democráticos. É preciso que alguém se levante, urgentemente, para dizer que tais e tais são os elementos de uma democracia e

EUA), ainda assim, a sinceridade de Patricia Derian não pode ser colocada em dúvida. E a mensagem que ela transmite é mais do que nunca válida para o Brasil. Urge que todos se manifestem sempre que uma farsa estiver sendo desenrolada ante nossos olhos, ainda que esta farsa venha com o nome de democracia, ou, pior ainda, "democracia relativa".

E como a ocasião é de lembranças, não podemos deixar de recordar o que o filósofo francês André Glucksmann diz, a respeito da situação das pessoas que devem sempre lutar para desmascarar os governos que insistem em não prestar contas aos governados:

"O medo à tortura atormenta a todos, por certo ninguém é mártir religioso. Mas nem mesmo o medo do arbítrio pode substituir o desejo de vigiar os atos dos governantes".

Por isso não silenciemos frente ao modo como foi escolhido o próximo Presidente da República e os interventores (o Sistema insiste em chamá-los governadores). Muito menos podemos deixar de denunciar como um crime contra a consciência nacional, a escolha de 1/3 do Senado através da nomeação arbitrária. O produto desta nomeação? "Incitatus", de triste memória em Roma como nos lembrou Ziraldo no Jornal do Brasil.

Não adianta estas nomeações se revestirem, de caráter legal através das emendas feitas à nossa vilipêndia da constituição. Todo o poder para ser legítimo tem que emanar diretamente do povo, não sendo assim é arbítrio e só quem tem poder de alterar a constituição é o povo através dos seus representantes livremente eleitos. Como tal não ocorre no Brasil, é justo rememorar que todo o povo brasileiro não poderá ser enganado todo o tempo pelos porta-vozes da "democracia relativa". Ou a democracia é total, com o respeito pelos Direitos Humanos, em detrimento até das razões de Estado, ou então é totalitarismo. As panacéias léxicas não resolvem esta contradição.

O REI ESTÁ NU!

que eles não existem lá. ... Por isso, por que não começar a dizer logo que "o rei está nu?" Não há qualquer sentido em fazer parte da grande mistificação".

Se bem que os Estados Unidos não possam ser tomados como medida de respeito aos Direitos Humanos (a riqueza do capitalismo americano é construída em cima da exploração e da miséria dos povos do III Mundo na zona de influência dos

A GUERRA DOS ESTADOS "POPULARES"

políticos e ideólogos marxistas para demonstrar, "uma vez mais", a validade da estrutura do partido, a eficácia de um exército popular, a necessidade de criar um estado "popular e democrático", e enfim, todas as virtudes próprias do centralismo e do autoritarismo político. Alguns apregoaram que a vitória sobre o invasor norte-americano se devia em parte ao conseqüente "internacionalismo proletário" da União Soviética e de outros países "irmãos".

"As tropas do exército popular vietnamita se encontram a 80 km de Phnom Penh", dizem as agências de notícias na inauguração do ano de 1978. Reproduzem-se declarações

dos diplomáticos do Vietnam e Camboja em Pequim, acusando-se mutuamente de serem "bárbaros", "fascistas" e "piores que os imperialistas norte-americanos."

Estes acontecimentos não fazem senão sacar à superfície o velho conflito que opõe a ambos Estados marxistas-leninistas. Durante anos, os comunistas khmers (cambojanos) e vietnamitas reproduziam os seculares antagonismos nacionalistas que opõem a ambos os povos. Esta oposição se manifestou durante as conferências de paz de Genebra em 1954, durante a criação do partido

comunista indochino, e inclusive durante a guerra comum que ambos sustentaram contra os Estados Unidos e contra os Estados vietnamitas e khmer pró-americanos.

A nível internacional, a oposição entre vietnamitas e cambojanos tem representado seu alinhamento em torno dos dois super-Estados antagonísticos: A União Soviética e a China Popular. Enquanto o Estado vietnamita se empenha em construir um socialismo de tipo stalinista apoiado primordialmente pela União Soviética, o Estado Khmer encontra o apoio de Pequim para a construção de um nacional-socialismo agrário que evacuou praticamente o povo das cidades (à força) e organizou o cultivo dos arrozais utilizando os campos de concentração como modelo de unidade produtiva. Os interesses de Estado das grandes potências "irmãs", disfarçadas de "Internacionalismo proletário" se opõem em sua busca de obter a hegemonia no sudeste asiático. O Estado chinês busca assegurar suas fronteiras; os soviéticos buscam estabelecer pontos de apoio em caso de guerra com a China, latente desde 1960.

Estes acontecimentos, que todavia podem desanimar a alguns, são em realidade coerentes com a prática dos comunistas indochinos: a implantação de Estados nacionais rigidamente centralizados, a instauração da ditadura do Partido em nome do proletariado e das demais capas "populares" conservam uma lógica de poder que desemboca necessariamente

te na agressão dos vizinhos, sejam "socialistas" ou não.

O Estado "popular" convertido em razão suprema e em depositário da ortodoxia "revolucionária", cria sua própria lógica: sua defesa e consolidação representam a defesa e consolidação da "Revolução". Desta forma, seguindo a mesma lógica que conduziu à invasão soviética sobre a Tchecoslováquia em 1968, o Estado pode transgredir suas fronteiras nacionais e estender seu poder em outros países a fim de salvaguardar o "socialismo". A "revolução" russa já nos havia ilustrado praticamente o absurdo de quem pretende liquidar o Estado reproduzindo a estrutura do Estado. Os Estados "proletários", em vez de se dirigir para sua dissolução, fortalecem cotidianamente sua estrutura de poder sobre a sociedade.

O caráter autoritário dos Estados e partidos khmer e vietnamita, como o de qualquer outro Estado ou partido, chama-se democrático, liberal, fascista ou marxista, pois não é um "acidente" da história, nem se deve aos "erros" dos comunistas indochinos, nem muito menos das condições de escasso desenvolvimento econômico dos países do "terceiro mundo", como está na moda dizer. Os cárceres vietnamitas e cambojanos contêm bastante dissidentes, inclusive dos mesmos partidos comunistas, para demonstrar que dentro das sociedades do "terceiro mundo" existem outras alternativas de organização social. Se puderem falar...

Aldo. 9 de janeiro de 1978

PARIS — "As tropas do exército popular vietnamita se encontram a 100 km de Saigon — informavam as agências internacionais há 3 ou 4 anos. O fato de que uma comunidade nacional defendera tenazmente sua autonomia e dirigiu duros golpes ao poderio militar e político dos Estados Unidos, era utilizado pelos

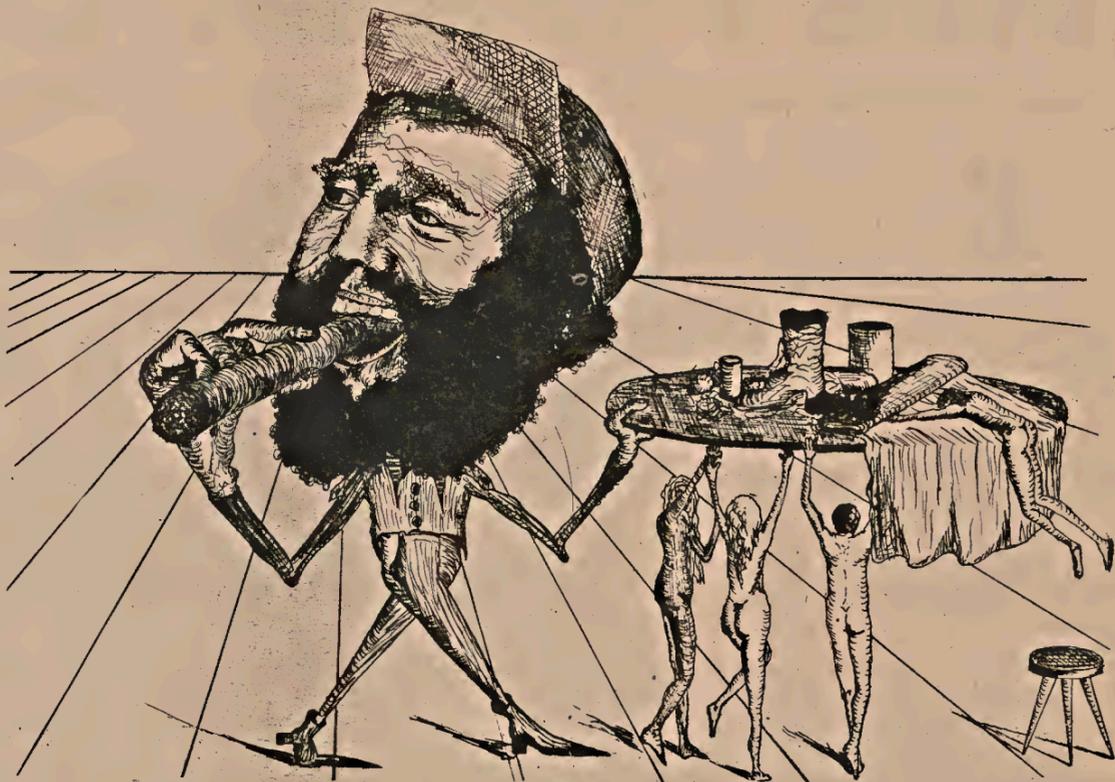
Algumas maravilhas do reinado de Fidel

Fidel Castro tomou o poder em Cuba no ano de 1959. Já se passaram, portanto, quase dezoito anos de construção do socialismo marxista. As notícias que se tem desta ilha do Caribe são as mais variadas possíveis, mas este artigo pretende, através de documentos, mostrar um pouco da vida cubana atual, sustentando-se de pouca ideologia e muitos fatos.

Como em qualquer país capitalista, há cartazes de rua. A mistificação é a mesma, apenas a mensagem é diferente. Num dos principais cartazes está escrito: "Os homens morrem, o Partido é imortal". É comum contrair *out-doors* com até cinquenta metros de altura com a fotografia de Fidel. Logo à saída da ala internacional do aeroporto exibe-se um rosto risonho de Ho Chin Min ao lado de uma frase sua: "Construiremos um Vietnam dez vezes mais bonito". Não há, porém, nenhum cartaz de algum guerrilheiro marxista-leninista cambojano, por um motivo muito simples: só o Vietnam está na órbita soviética, assim como Cuba. Isto porque logo que os Estados Unidos boicotaram a economia cubana com o corte do açúcar etc. o novo governo cubano aceitou a ajuda soviética, ajuda esta que está crescendo cada vez mais, pois a URSS já está investindo 1 milhão de dólares diariamente na ilha. O que se constata com isto é que a dependência de Cuba em relação à URSS está igual ou maior à que esteve dos Estados Unidos até a época de Fulgêncio Batista.

Apesar de já se passarem dezoito anos de "socialismo", Cuba ainda se encontra com um acirrado racionamento nos artigos de primeira necessidade. Por exemplo: cada cubano tem direito de consumir por mês apenas 700 gramas de feijão, 3 quilos de arroz, 500 gramas de manteiga, um sabonete e meio, 350 gramas de carne de boi etc. (dados de 1975). Antes de o governo assumir o controle total do abastecimento e da comercialização de gêneros no país, o mercado negro era intenso. Em 1968, por exemplo, um leitão que custava 135 cruzeiros pela tabela à qual todo cubano está sujeito era vendido no mercado negro por Cr\$ 3 mil. O Estado arranhou uma solução *sui generis*: assumiu o mercado negro. Portanto, este não extinguiu-se. Por exemplo, cada cubano tem direito a apenas um maço de cigarros por semana, ao preço de Cr\$ 1,80. Se quiserem fumar mais, têm de pagar o maço a 18 cruzeiros. A gasolina também é racionada, embora Cuba tenha seu abastecimento garantido pela URSS até 1980. O racionamento fez desaparecer dos mercados os bobbies plásticos para enrolar cabelos, o que criou uma situação engraçada: pode-se ver pelas ruas mulheres com os cabelos enrolados com latinhas de talco vazias ou cilindros de papelão de papel higiênico, transformados em *bobbies*. Pra os noivos, o racionamento deixa de existir por algumas horas: no dia do casamento, o homem e a mulher têm direito a algumas caixas de cerveja, rum, tudo a preço de tabela, fora do racionamento. Roupas e calçados também continuam racionados: cada pessoa tem direito a comprar apenas 3 pares de sapatos por ano. Os homens têm uma cota anual de dois ternos e as mulheres de dez metros de tecidos para vestidos.

O salário-mínimo de Cuba é de 720 cruzeiros. Os outros oscilam na sua maioria, em 3.150 cruzeiros (dados de 1975). Em Cuba existem também os chamados "salários históricos", de 5 a 6 mil cruzeiros mensais. Quem recebe este "tipo" de salário são funcionários de antigas empresas telefônicas e de eletricidade estrangeiras, que continuam recebendo o que ganhavam na época da revolução. Além dos que recebem "salários históricos", um grupo vive de rendas mensais de 4.500 cruzeiros. São os antigos proprietários de casas alugadas, que recebem esta quantia do



Estado, a título de indenização.

Em 1974 houve eleições na região de Matanzas. So era permitido aos candidatos apresentar a foto e o currículo. Qualquer semelhança com a lei Falcão é pura coincidência? Muitos candidatos mas sem nenhuma oposição. A escolha foi organizada pelo Comitê de Defesa Revolucionária (CDR), organização semelhante a KGB. Tem como missão "organizar" o povo e defender Cuba dos "contra-revolucionários". A CDR se encontra em cada esquina de quarteirão, nos bares, nas fábricas, enfim, por todos os cantos de Cuba. É esta "segurança" que permite a um turista visitar estes lugares e conversar com as pessoas. Ao turista só não é permitido conversar ou visitar os presos políticos que estão nos campos de concentração.

Um fato comvente: Francisco Herrera, 60 anos de idade 40 deles trabalhando como motorista de táxi, recebeu várias propostas para trabalhar nos táxis estatais. Ele não aceita, pois o estado exige que se trabalhe das sete da manhã até a noite. Ele responde que não tem nada contra o comunismo, mas "este negócio de cumprir horário é com a garotada. Meu carro está desmanchando de velho, come a metade do que ganho, mas, se der vontade de breacar em qualquer lugar, mando todo mundo descer, vou para casa e fico uma semana sem trabalhar, pois ninguém pode me impedir". O Estado não protege este velho desta vida miserável. Muito pelo contrário, o velho é considerado até pelo povo como um "vagabundo" e "contra-revolucionário".

Um das coisas que não falta em Cuba são os tribunais. Existem tribunais que julgam torcedores que brigam nos estádios, que julgam se um casal pode se divorciar, o aluno que não entrega dos trabalhos no dia certo etc. Na imprensa, quem julga são os próprios dirigentes dos jornais, pois, para eles a liberdade de imprensa é um eufemismo burguês (?). Existe censura a tudo que é considerado contra-revolucionário. Por exemplo, o cantor brasileiro mais conhecido dos cubanos não é Chico Buarque nem Milton Nascimento mas sim Roberto Carlos.

Cuba também revolucionou o ensino. Hoje só existe 2 por cento de alfabetados. O "mobral" de lá está mais eficiente do que o daqui.

Hoje existem 150 escolas no campo, cada uma com 500 estudantes. Frotas de micro-ônibus recolhem os estudantes em suas casas na segunda-feira de manhã e os trazem de volta no sábado à tarde. Durante a semana, o ritmo de trabalho e estudo é intenso. Os alunos acordam às seis da manhã e, durante o café, ouvem as principais notícias nacionais e internacionais publicadas pelo Granma (jornal do governo). As sete e meia, seguem para o campo onde já encontram tratores, arados, colhedoras, etc. Meio-dia se encontram nos refeitórios, Uma da tarde vão para as

aulas e, as cinco e meia, prática obrigatória de esporte com duração de uma hora. Das sete às oito, jantam todos e, depois meia hora de "atividade livre", uma hora e meia de estudo individual, às dez, cama. Essa rotina se repete diariamente para 75 mil moças e rapazes de 12 a 16 anos, em 150 pontos do território cubano.

A autoridade do governo cubano se faz presente em todos os aspectos de vida do país. Transcrevemos, para finalizar este artigo, o texto das normas disciplinares que devem ser respeitadas pelos estudantes da Universidade de Havana, documento este publicado no Jornal do Brasil (coluna Informe JB) no dia 01/03/78:

- 1o. — Respeitar a autoridade do diretor, administrador, responsáveis por cursos, professores e demais funcionários.
- 2o. — Cuidar do vocabulário, evitando palavras obscenas e ofensivas.
- 3o. — Não fumar em nenhuma área docente.
- 4o. — Não usar roupa inadequada (saia muito curta, blusas decotadas, calças muito justas, roupas transparentes, chapéus, gorros ou cabelos compridos nos homens).
- 5o. — Ser cortês com os funcionários da unidade: levantar-se quando qualquer deles entrar na sala.
- 6o. — Proíbe-se que se façam propostas à direção sem que o problema tenha sido discutido antes com o coordenador do curso.
- 7o. — Manter conduta moral apropriada.
- 8o. — Não usar o quadro-negro indevidamente, nem escrever ou marcar paredes e janelas. o — Dar descarga nos sanitários depois de usá-los.
- 10o. — É falta muito grave acumular mais de 10 por cento de faltas injustificadas numa matéria, não apresentar os trabalhos práticos em dia, deixar de prestar exame, ter notas baixas e expressar-se de forma desrespeitosa acerca da universidade e de seus funcionários.

xxx

Além de grotesco, esse decálogo sugere que não passe pela cabeça de ninguém vê-lo cumprindo. Afinal, os regulamentos às vezes servem mais para decorar portas. Nesse caso, porém, vale lembrar o que acontece com aquele que resolve enfrentar esse mega-477: "A violação de qualquer dessas normas faz com que a Universidade ponha os transgressores à disposição dos tribunais correspondentes".

Os dados que estão neste artigo foram pesquisados no livro "A ILHA" de Fernando Morais, Jornal do Brasil e revistas VEJA e ISTO É.

A QUESTÃO FEMININA

A socióloga francesa Evelyne Sulerot e o biólogo Jacques Monod (pouco antes da sua morte) reuniram-se em Royaumont, perto de Paris, com vários cientistas de outros países, no intuito de discutir um dos mais polêmicos temas do nosso século: o feminismo. O resultado foi um livro intitulado "A Questão Feminina: o que é uma mulher", que traz de volta aquele velho conceito de que "mulher é diferente", apesar do que afirmam as feministas.

O esforço dispendido pelas feministas, no sentido de tentar compreender o que é a mulher, nestes últimos anos, foi enorme. Formularam-se hipóteses e defenderam-se teses. E a proposição feminista firmou-se: não existe "eterno feminino", não existe "natureza feminina". A mulher é, somente, o produto da história. Assim, "não se nasce mulher, passa-se a ser mulher (Simone de Beauvoir). Ou seja, todas as diferenças fisiológicas, psicológicas, etc... observada entre os sexos, não passam de ideologia machista, artimanhas do homem para submeter a mulher.

As conclusões a que chegaram os cientistas no colóquio internacional revelam que em "um certo número de observações, em todos os

campos, sugerem, mas sem prova definitiva, que a natureza feminina reage ou age diferentemente da dos homens. Mas esta natureza diferente é em seguida reacomodada vigorosamente, e muitas vezes num sentido catastrófico, pelo ambiente social e cultural." Ambiente este, que sempre favoreceu para alienar as mulheres, assegurando-lhes na sociedade um papel submisso e passivo em relação ao homem. Assim, a mulher não é, como pretendem as mais radicais feministas, "somente produto da história" e em caso algum "produto da biologia", ou como quer a posição machista de que a mulher "não é senão biologia, não tem outro destino senão, o seu papel maternal".

Um dos métodos utilizados para se estudar a "natureza feminina" foi através da conduta animal, do macho e da fêmea. Numerosos estudos de biólogos atestam que "no mundo animal a fêmea possui um comportamento totalmente diverso do macho e que tudo decorre da sua função de procriar e criar filhos". Entretanto, é mais significativo ainda, atestar que os seres humanos diferem dos animais, são dotados de plasticidade nervosa, capacidade de adaptação e evolução e que se possuem fatores de semelhança, possuem, também, fatores de dessemelhança determinados pela cultura que os contrapõe aos

afasta da natureza, tornando-se praticamente impossível determinarmos até onde vai a "natureza humana" e começa a cultura.

A cultura provoca mudanças radicais no destino biológico e social da mulher. Alterou o fator que parecia marcar mais radicalmente o "destino do macho e da fêmea": a procriação. A procriação deixou de ser o papel predominante exercido pela mulher. A pílula tornou a mulher dona de sua fecundidade. Assim, a mulher libertou-se do fardo da procriação e das obrigações que lhe foram impostas pela natureza. Muito embora com alguns milhões de anos de atraso, a mulher passa a rejeitar o seu papel determinado (que dentro da nossa sociedade implica em submissão) e "inicia a sua penetração no campo até então reservado aos homens". As pressões e dificuldades sofridas pelas mulheres, decorrentes das discriminações sexuais, revelam o julgamento de valor da ideologia machista de inferioridade.

Acontece que a biologia estabelece, também, que não existe superioridade nem do macho, nem da fêmea, mas simplesmente a evidência de uma diferença. Por exemplo: sabe-se que "é a dissimetria que determina a supremacia do cérebro humano em relação ao animal pelas

suas capacidades dialéticas — o hemisfério esquerdo tem o controle da linguagem e o direito o sentido de espaço". Os recentes estudos sobre o cérebro humano, verificam que o cérebro da mulher é bem dissimétrico e que a divisão das tarefas entre os hemisférios não é rigorosa. Outro exemplo: a biologia determinou, através de experiências com embriões, que o sexo de base não é o masculino, mas o feminino. O sexo primeiro é o feminino, o que serve de modelo; portanto, "Adão e Freud estavam errados".

A mulher é, como aliás o homem também, produto de uma dialética complexa, ameaçadora e muitas vezes alienadora, entre a instância da "natureza" e da "cultura". E é no próprio âmbito desta dialética que residem sua liberdade e suas probabilidades, sua energia, sua teologia — Gilles Lapouge. Sua luta dentro da sociedade deve estar ligada à libertação do ser humano, senão não passará de uma simples troca de padrões.

Por outro lado, a vã esperança de que um outro tipo de sociedade: o "Socialismo" de Estado, viesse a acabar não só as classes mas a própria situação da mulher, da família, etc... redundou em um grande fracasso. A mulher continua tão submissa nesses Estados quanto nas sociedades capitalistas.

HISTÓRIA DAS ESQUERDAS NO BRASIL

Com uma "equipe" de auxiliares e dólares à vontade, chegou ao Brasil o professor John W. Foster Dulles.

Veio pesquisar (segundo a linha dos brasilianistas que continuam nos extrínsecos riquesas culturais) sobre "Anarquistas e Comunistas no Brasil" suas desavenças e suas lutas.

Dizendo-se enviado por uma Universidade, em pouco tempo conseguiu copiar documentos raríssimos, confiados à guarda de mãos pouco seguras, em troca de promessas bem compensadoras que "nunca" chegaram... E com esse poderoso "pé-de-cabra" abriu portas que nem mesmo simpatizantes do movimento operário e anarquista puderam transpor.

E, apesar de todas essas facilidades, sua obra não chega a ser uma realidade histórica.

Ao contrário, o autor de "Anarquistas e Comunistas" se esforça do começo ao fim para fazer dos documentos que lhe foram franqueados — (publicados às custas dos míseros tostões dos trabalhadores, esforço difícil de ser avaliado hoje, decorridos tantos anos, por quem dispõe de dólares à vontade), misturados a depoimentos de quem já não tem lucidez para os poder prestar, intercalados com notícias e comunicados alarmistas colhidos na imprensa diária, em geral anti-proletária — uma antítese da história das lutas sociais no Brasil.

De 1900 a 1922 garimpam entre os anarco-sindicalistas os feitos menos abona-dores, os atos de violência, conduzindo o leitor por caminhos obstruídos, valendo-se de comportamentos isolados que só serviram para enfeitar a luta dos trabalhadores em prol da emancipação social.

E, de 1922 em diante, com a formação do PCB, Foster Dulles delicia-se, diverte-se, a enfileirar as divergências entre anarquistas, sindicalistas e comunistas, como se isso fosse o ponto mais importante da questão social no Brasil.

Super-valoriza a atividade do PCB, exalta alguns medíocres e subestima, sem base verdadeira, o anarquismo e o movimento operário!

O mais gritante erro de Foster Dulles está presente do começo ao fim de sua obra: não foi capaz de perceber a diferença entre anarquismo e movimento operário, luta de classes, reivindicações econômicas e de redução de horário de trabalho diário. Para ele, os anarquistas andaram o tempo todo a fazer greves, a praticar atos de violência, e, a partir de 1922, a brigar com os comunistas e vice-versa.

Por isso não "pode" ver a obra alfabetizadora e profissionalizante das dezenas e dezenas de escolas fundadas e sustentadas pelos anarquistas; a propaganda contra a falta de higiene nos bares, nas padarias e leiterias, em todos os locais de trabalho; a luta para a obtenção do seguro contra acidentes e amparo na velhice; a implantação do teatro social amador que produziu excelentes artistas, muitos dos quais saíram dos meios operários para serem profissionais, além de proporcionar divertimento, divulgação de cultura nos meios mais pobres, foi um exemplo de solidariedade humana para com os desempregados, doentes, acidentados e velhos; as conferências nos Centros de Cultura Social, os cursos de desenho, corte-e-costura, etc.

Milhares de trabalhadores chegaram ao Brasil e junto com os operários nacionais constituíram uma grande massa de produtores, em sua maioria esmagadora analfabets, e foram exatamente esses homens que se alfabetizaram pela iniciativa e esforço dos anarquistas, muitos deles acabando por serem professores, ensinando e aprendendo ao mesmo tempo, e foi desse alfobre proletário que saíram escritores, jornalistas, editores, conferencistas, muitos expulsos como "agitadores estrangeiros". Nos anos de 1919/21 publicaram 4 jornais diários e centenas de semanários e periódicos. Baseados nos métodos da "Escola Moderna" do "ateísta Francisco Ferrer" (na expressão rasteira e depreciativa de Foster Dulles para com aquele ilustre pedagogo espanhol — p.30) impediram que muitos e muitos filhos de operários não ficassem analfabets o resto da vida como seus pais.

O emigrante, que em geral vinha em busca de melhores dias, depois de tropeçar com a questão social, tão latente no Brasil quanto nos seus países de origem, ainda tinha de enfrentar o desemprego em certas épocas do ano, a adaptação ao clima, boa parte aprender o idioma, ajustarse aos costumes, com exceção dos portugueses, davam um verdadeiro salto mortal no escuro!



Manifestação operária em São Paulo (Julho de 1917)

Trabalhando 10, 12, 14 e até 16 horas por dia, muitos recebendo salários em vales para retirar mercadoria nos armazéns dos donos das empresas (em geral, também emigrantes, ambiciosos), sempre a preços mais elevados do que nas demais lojas ou recebendo quando e como os patrões queriam pagar, o trabalhador só tinha um único caminho: a greve.

Deixando de lado esta realidade econômica e social que o governo dos Estados Unidos resolveu a força em Chicago (1887), e com a cadeira elétrica em Massachusetts (1927), o Sr. Foster Dulles toma como ponto de partida os anarquistas que "comprariam-se nas palavras saídas da pena de Piotr Kropotkin, o barbudo ex-príncipe russo", pulando depois ao russo Mikhail Bakunin, "O São Paulo do Anarquismo, dos atentados à bomba e das insurreições", expressões o reduzem a zero diante da grandeza moral e do saber do homem de ciência que foi Piotr Kropotkin.

Incia com Oresti Ristori, vá nele um dileto discípulo de Malatesta, chegou a São Paulo no começo do século XX e transformo-o no motor de propulsão, o começo de todos os atos de violência e como se ele fosse responsável pela existência da questão social em nosso país.

Cumprir lembrar (a quem não sabe e ao Sr. Foster Dulles também) que em 1888 chegaram ao Brasil anarquistas italianos para fundar a "Colônia Cecilia", no Paraná, em terras oferecidas graciosamente pelo Imperador Pedro II, governante que nunca teve medo dos anarquistas.

Nesse reduto libertário viveram cerca de 200 pessoas, inclusive anarquistas ilustres como Giovanni Rossi (engenheiro agrônomo), Gigi Damiani, Primo Grollanti, Reinaldo Parodi, Francesco Nicola, Ernesto Faccini, André Agottani, Daniel Dusí, Humberto Verona, Zeferrino Agottani, Egido Cini, Domenico Garzino, Aldino Agottani, Alfredo Dusí, Romeu Toni, dois médicos, um jornalista, um conde e sua esposa.

Com o fim da Colônia por determinação do jovem governo republicano, os seus componentes espalharam-se pelo Paraná (Curitiba), Rio Grande do Sul e São Paulo a fundar associações, escolas, jornais e centros de cultura.

Antes da implantação da República, chegou também a São Paulo, para fundar uma colônia anarquista em Guararema, Artur Campagnoli (mestre em Guaranês) a quem se ficou devendo a primeira

comemoração do dia 1o. de Maio no Brasil.

Na última década (antes de chegar Ristori) do século passado, os anarquistas já se faziam ouvir e suas doutrinas contagiavam intelectuais da época. Alfredo Mari, Donati, Campagnoli, Versani falavam de suas idéias e a 1/7/1892, publicava-se o jornal libertário "Gli Schiavi Bianchi", um brado anarquista em São Paulo, sob a direção de Galileu Boti, expulso no ano seguinte.

No Rio de Janeiro, operário do exército e da marinha, publicaram "O Nilista", em 1882 e em 1898 aparecia "O Despertar", sob a responsabilidade do grupo anarquista "Angiolillo".

Benjamin Mota, advogado paulista, em 1898 publicou "O Rebelde" e "O Libertário", onde fazia abertamente propaganda anarquista. Foi uma das ilustres figuras brasileiras a ser contagiada antes do final do século. Como ele, o poeta e estudante de direito Ricardo Gonçalves (há uma rua com seu nome em São Paulo), o farmacêutico, escritor e jornalista mineiro, Avelino Foscolo (da Academia Mineira de Letras), o médico do Rio Grande do Sul, Reinaldo Frederico Greyer e no Rio de Janeiro, o médico Fábio Luz, abraçaram e propagaram o anarquismo antes de chegar Ristori.

Apesar da resistência dos brasileiros contra os italianos em virtude da "Questão dos Protocolos", as idéias libertárias conseguiram unificar as camadas mais humildes e alguns intelectuais, graças ao poder das idéias pregadas e defendidas em praça pública por italianos, portugueses e espanhóis com a participação de brasileiros.

O Sr. Foster Dulles, que descobriu tantos atentados e tanta violência de autoria dos trabalhadores, dos anarquistas, esqueceu de mencionar que no dia 20 de setembro de 1898, na Praça da República, em São Paulo, esquina com Barão de Itapetininga, "a soldadesca sob o comando do capitão Matarazzo, sub-delegado de Polícia do Bom Retiro, assassina a tiros o militante anarquista Polinice Mattei". Foi o primeiro mártir do anarquismo no Brasil, e tanto a vítima quanto o mandante do crime eram emigrantes e italianos.

"Anarquistas e Comunistas" tem imensas falhas, o seu autor não soube do movimento operário existente no Paraná levado a cabo pelos anarquistas remanescentes da Colônia Cecilia, tais como Piero Riva, Severo Arturi, Angelo Crisollo, Diego Muggiati, Caetano Granato, Brizzo Fabiano, Carlos Torti, Timoteo Barbalhão, Domenico Códiga, Piero Colli, Reinaldo Parodi, Ferdinando Patitucci e outros, responsáveis pela fundação de várias escolas, da Federação Operária, do Congresso Operário daquele estado em 1907, e da publicação de vários jornais. A partir da chegada dos anarquistas, escolas, centros de Estudos Sociais e Cultura Sociológica, passaram a fazer parte da vida do

trabalhador e a contagiar os intelectuais, cujas reminiscências ainda hoje oferecem dados para a publicação de livros como "O Anarquismo na Colônia Cecilia", do escritor Newton Stadler de Souza, e motivam um cineasta francês a fazer um filme sobre esta experiência libertária no Paraná.

Do Rio Grande do Sul, não soube Dulles que o socialismo e o anarquismo apareceram juntos, e em 1895 os dois movimentos publicavam "ECHO Operário" para falar dessas idéias. Ali, tal como no Paraná, fundaram escolas de alfabetização, de Artes e Ofícios e um liceu funcionando por muitos anos em prédio próprio, construído e pago pelos trabalhadores, responsáveis também pelo 1o. Congresso Operário do Brasil, a nível estadual, no ano de 1898.

Em 1913 o liceu era transformado em "Escola Eliseu Reclus" e ensinava artes, desenho e idiomas. Omitiu também três congressos e uma "conferência" anarquista em São Paulo, jornais como "A Luta Proletária" e cerca de duas dezenas de publicações operárias da maior importância.

Confunde e mistura greves operárias com a fundação do partido socialista e informa que a delegação de João Gonçalves e seus dois companheiros não foram recebida por Wenceslau Braz, no Palácio do Catete, em nome da Federação Operária. O encontro existiu (a fonte de Dulles é falsa), o que não houve foi o diálogo. O presidente principiou a tratar a comissão como "um grupo de marginais" e João Gonçalves virou-lhe as costas, retirando-se com seus companheiros em sinal de protesto.

O Congresso Contra a Guerra no Ferrol (Espanha) existiu, embora de forma diferente da prevista. A polícia (o Sr. Dulles baseia-se nela) realmente o proibiu mas os delegados realizaram-no clandestinamente e ficou assentado que o organismo ali criado passaria a ter sua sede em Lisboa.

Do Brasil foram 3 delegados, mas não passaram de Portugal em virtude do falecimento de um deles. Dulles peca quando se refere a um dos maiores acontecimentos, a greve de 1917, em São Paulo. Só enxergou ali rebelião, desordem e violências praticadas pelos trabalhadores. Joga friamente com os dados como qualquer cérebro eletrônico sem a verdade, a sensibilidade e o sentido humano que o caso requer.

Da greve de 1918, no Rio de Janeiro, usa as declarações de Jorge Elias Ajuís "prestadas à polícia" e outras anotações policiais para desprestigiar e diminuir a grandeza moral e intelectual do Dr. José Otiticica e sua família.

Baseado em fontes inidóneas, o historiador insiste em denunciar o fracasso do "movimento grevista dos anarquistas". Não "percebeu" que nunca foi deflagrada uma única greve anarquista no Brasil!!! O

movimento anarquista nunca fez greves, qualquer marinheiro de primeira viagem em pesquisas sociais sabe disso! Quem sempre acusou o movimento anarquista de fazer greves foi a polícia e agora o Sr. Foster Dulles.

Em 1916, o livro "O Anarquismo Perante a Organização Sindical" (Gráfica Labor, Rio de Janeiro, 23 pp.) esclarece a posição dos anarquistas frente às greves, às lutas de classes.

Por isso não houve "o grande fracasso anarquista em Outubro de 1919". É verdade que a maioria de militantes anarquistas era de operários e é também verdade que esses operários com idéias anarquistas participavam das greves quando declaradas pela classe profissional à qual pertenciam, tomando a frente do movimento algumas vezes, mas daí a serem "greves anarquistas" vai uma grande diferença. Sr. Foster Dulles! O Sr. deixa-nos em dúvida, ficamos sem saber se realmente não foi capaz de distinguir entre movimentos especificamente anarquistas, que tinham como base os Centros de Cultura Social, das lutas de classes onde participavam operários com idéias anarquistas (empregados e desempregados, já que a maioria dos patrões recusava-se a dar trabalho aos anarquistas e estes passavam meses desempregados, vivendo da solidariedade dos companheiros. Pretexto também para serem expulsos), ou se joga com a malícia que às vezes deixa a descoberto para confundir o leitor.

Não soube do 2o. Congresso Operário no Rio Grande do Sul e nem soube (podia ter perguntado ao Sr. João da Costa Pimenta) com que dinheiro foi fundada a Cooperativa que serviu de esteio ao diário vespertino "A Vanguarda" e quem, aproveitando a doença e o internamento de Edgard Leuenroth, acabou com essa iniciativa anarquista, levando todos os seus pertences para lugar que os poucos sobreviventes dessa época ainda perguntam: "Onde estão os pertences da "Nossa Cooperativa?" e desabafam "o eu que corri vários Estados do Brasil fazendo palestras e pedindo dinheiro nos meios operários para os comprar".

Nos anos de 1918/22, usa Octávio Brandão para desprestigiar os "12 astrogil-distas" (fundadores do PCB), autor das frases: "A revolução não se fará com truões como Lenine, tarimbeiros como Trotsky", o "Bolchevismo é muito terra à terra, não tem o vôo infinito, o alcance da Anarquia em nome do "Sol amigo, do Sol camarada, do Sol anarquista!" (que andou 4 anos entre os anarquistas) para logo em seguida fazer dele um "racha" anarquista. Esta manobra é o seu forte do começo ao fim, joga com os personagens uns contra os outros como se a história das lutas sociais no Brasil fosse um ringue de disputas pessoais.

Entretanto, confunde Trabalhadores Industriais do Mundo com Internacionais Trabalhadores do Mundo, entidades completamente diferentes em seus objetivos políticos e ideológicos.

A página 59 anuncia: "Anarquistas contra Comunistas" e inicia exatamente o capítulo com o "delegado" do PCB (A.B.Canelas) censurando Emma Goldman, anarquista russa residente nos Estados Unidos. Mas sua confusão vai mais longe, "engana-se" na data da expulsão dos anarquistas Alexander Berkman e Emma Goldman do país dos dólares para a Rússia.

Não "pode" perceber que o Movimento Anarquista e o Sindicalismo Revolucionário ou anarco-sindicalismo, como era chamado na época o Movimento Operário político, livre, já existia no Brasil há mais de 20 anos quando foi fundado o PCB, e que, portanto, só poderia ser este jovem partido político quem passou a agir no sentido de obter dos sindicatos adesão ao Comintern. Aliás, isso salta desde logo ao raciocínio de qualquer leigo, e um historiador não pode ser considerado como tal... É uma pena que o Sr. Foster Dulles não tenha lido "La Internacional Comunista 1919-45" de Heleno Saña, antes de escrever seu livro, pois essa leitura lhe facilitaria uma melhor compreensão e o ajudaria a saber explicar as razões da luta pela supremacia sindical, no Brasil e no Mundo.

Erra ao descrever o episódio onde estiveram envolvidos o deputado Azevedo Lima (herói do PCB e depois traidor do PCB), Octávio Brandão, Roberto Morena e outros, resultando no assassinato do anarquista-sapateiro Antonino Dominguez, do gráfico Damião e mais de uma dezena de feridos.

A tragédia teve início no Sindicato dos Remadores, na rua Camarino. Principiou com um convite dos bolchevistas aos anarquistas e sindicalistas para debater a adesão dos sindicatos do Brasil à Profintern, braço sindical da 1a. Internacional Comunista de Moscou.

Estiveram presente muitos anarquistas ligados aos sindicatos por serem operários, principalmente dos sapateiros, construção civil e figuras como José

foram se exaltando atingindo o clímax quando o deputado Azevedo Lima (a serviço o Profintern) denunciou o presidente da União dos Operários em Fábricas de Tecidos, José Pereira de Oliveira, de ser "agente da polícia", prometendo exhibir provas (o que nunca fez) na próxima reunião que "ele" convocava para a sede dos gráficos, à rua Frei Caneca. Os anarquistas opunham-se tenazmente a estes debates que, sabiam, tinham o fim de "confundir" para obter adesões para a Profintern sob o comando do "Comitê de Contatos Internacionais", OMS, organismo super-secreto do Comintern. Os anarquistas tentaram por todos os meios pacíficos convencer os trabalhadores a não continuar participando dos debates. José Otiticica, João Peres, Diamantino Augusto e outros

comprometidas na tragédia! Entretanto, jogou com todos os elementos negativos do movimento, para atacar anarquistas e comunistas jogando-os uns contra os outros. De começo exhibe a violência das "greves dos anarquistas" para desmoralizar os operários, depois as lutas entre anarquistas e comunistas e por fim dos comunistas contra eles próprios, dando sempre uma dimensão ampliada, desbotada e ridícula.

Nem mesmo Edgar Leuenroth, cujo filho lhe franqueou tudo, poupou de acusações capciosas, feitas pelos fundadores do PCB, no calor dos debates, sem o menor fundamento.

Em síntese, o professor Foster Dulles



Operários nas ruas (São Paulo, 1917).

Os debates correram muito acalorados e sem resultados favoráveis para os promotores. Ao final, foi marcado novo debate na sede da União dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, à rua do Acre, 19, e as táticas mudaram ali mesmo. Da adesão que não saiu, os promotores dos debates partiram para as denúncias contra os sapateiros (que viviam em guerra interna já que meia dúzia de militantes pró-profintern haviam encostado um caminho em sua sede e carregado os seus pertences para ir fundar outro sindicato), e dos tecelões, entidade que contava com um grande contingente de associados (tinham sido dirigida durante um curto período por elementos do PCB, que acabaram perdendo a administração por incompetência). Os contendedores e dirigentes dos debates, João da Costa Pimenta (que já tinha feito das suas com os pertences do diário "Vanguarda" em São Paulo), Octávio Brandão (farmacêutico), Roberto Morena (marceneiro), Azevedo Lima (deputado, nunca foi operário) e outros, inclusive os "rapazes da Tcheka" (como era então chamado o grupo de ataque), Eusebio Manjon, Pedro Bastos, Olger de Lacerda, Antonio e Joaquim Silva (já haviam atentado contra a vida de Marques da Costa, Izidorio Augusto e Diamantino Augusto, etc...) iniciaram uma verdadeira guerra de ofensas e acusações. De parte a parte os ânimos

marcados pela intransigência ideológica, constavam de uma lista de elementos a serem atacados, inclusive pela violência. Avismados a tempo, não compareceram. O massacre fora comandado por Roberto Morena e Octávio Brandão e obedeceu ao seguinte movimento: o deputado Azevedo Lima deu a partida com as acusações ao tecelão encarregado de dizer para exaltar os ânimos, e quando terminou, Pereira de Oliveira pediu para se defender. Surgiram então os gritos, os palavrões e o ofendido não pode reduzir a mentira ridícula, infantil, a pó; os comandantes da chacina, colocados em posições estratégicas, passaram a fuzilar. O seu mais ferrenho adversário, o sapateiro e anarquista, Antonino Dominguez, caiu logo, seguido de Damião, operário gráfico, e ficaram feridas mais de 12 pessoas. Silvan Borges (sapateiro) e Albino Soares, jogaram-se ao chão e saíram levemente feridos. Responsáveis: Astrogildo Pereira, deputado Azevedo Lima, João da Costa Pimenta, Roberto Morena, Octávio Brandão. Executores: Eusebio Manjon, Pedro Bastos e os irmãos Silva.

Pereira de Oliveira, aparentemente o mais visado, não lhe tocaram... Foster Dulles não apurou esta verdade porque serviu-se dos depoimentos de Brandão e de Pimenta, figuras altamente

fez aquilo que um agente de quarta classe faria: transformou o movimento social brasileiro em 448 páginas de inverdades, colhidas em fontes inidóneas umas, distorcidas outras, apanhadas isoladamente algumas, dando-lhe sentido diferente da realidade, usando para isso as notícias dos jornais comerciais que inseriram as costumeiras "notas das autoridades" muito interessadas em vislumbrar motivos para "expulsar os agitadores estrangeiros". Enfim, só viu "lama" onde um historiador honesto varia lutas de classes comuns às de outros países do mundo, com a intenção de reduzir um pouco a riqueza da minoria e a pobreza da maioria, uma luta de fundo, objetivo e alcance humanista, cujos elementos principais viriam a "inspirar" leis de transformação social por que passou o Brasil, ele viu uma guerra ideológica. E, no entanto, a grande maioria das reivindicações dos trabalhadores de então, que motivaram greves, prisões e deportações, os governos seguintes reconheceram-nas como justas e aí estão em vigor. Existe até em São Paulo a rua 1o. de Maio.

Enfim, para encurtar espaço, já que seriam preciso escrever um livro para apontar todos os erros, o Sr. Foster Dulles conseguiu escrever a antítese da história do Anarquismo e do Comunismo no Brasil, dos anos 1900-1935; uma autêntica história pelo avesso!!!

"A autogestão
estudantil seria
a forma de
termos
permanentemente
em nossas
mãos
o poder
de decisão."

Depois de formada, a Federação Livre Estudantil (FLE), suscitou no meio universitário as mais variadas e acirradas polêmicas; suas críticas aos demais grupos estudantis e seu combate a todo tipo de mistificação, autoritarismo e poder sobre as pessoas, fizeram com que voltassem para si todas as atenções daqueles que se interessam pela problemática estudantil. Em suas últimas notas e debates a FLE tem esboçado alguns pontos básicos a respeito das idéias, da sua ação, dos seus objetivos mais imediatos, etc. . . Assim sendo, através desta entrevista, tentaremos traçar, em linhas gerais, o que vem a ser a Federação Livre Estudantil e a que se propõe:

Inimigo do Rei — Quais as principais falhas do sistema universitário e como se comporta a instituição universitária dentro de um contexto mais amplo?

Federação Livre: Uma opção autogestionária.

Federação Livre Estudantil — O sistema universitário completamente subordinado ao poder central — O Estado — e aos interesses dos grupos dominantes da sociedade, funciona, obviamente, de acordo com os desejos daqueles que detêm o Poder. Com efeito, a instituição universitária é uma instituição de classe. No entanto, ela não o é apenas porque dentro dela se reproduz a segregação social, ou a injustiça que se estabelece a partir dos sistemas de exames e concursos ou, ainda, pelo "favoritismo" ou "puxa-saquismo", ou como se queira chamar, tão comumente empregado não só dentro da nossa universidade, como fora dela também.

Pensar de tal forma não seria incorreto, contudo estaria incompleta a análise. A crítica tem que ir mais além. Em cima, exatamente, do pretensão "saber" que a universidade tenta conferir aos mais "capazes". Sendo esta a forma pela qual a universidade justifica o poder de exploração e dominação na sociedade inteira. E é essa posse do Saber que coloca estes indivíduos privilegiados ou ao lado daqueles que dominam a sociedade ou então a serviço deles. Nesse sentido é que a universidade é uma instituição de classe, pois cumpre a função de manter as hierarquias em nossa sociedade. Isto é, na medida em que "reproduz o sistema dominante, ela própria é uma instituição dominante". (cf. Lapassade, em "Grupos, Organizações e Instituições").

IR — O que é a autogestão e de que forma ela se deve realizar na Universidade?

FLE — A autogestão foi a palavra de ordem na revolta estudantil e operária na França, em maio de 1968. Os estudantes e operários franceses se apossaram dos seus locais de trabalho e manifestaram seu protesto contra a sociedade francesa. Nas ruas e praças, nas fábricas, nas escolas, etc. . . Através dos comitês de base, dos grupos de ação direta, enfim, por meio da administração e organização da vida social pela coletividade (a autogestão social).

Além da França, em 1968, a autogestão se manifestou em vários outros países na época: Alemanha, Tchecoslováquia, Polônia, etc. Anteriormente, também, em outros períodos históricos, a autogestão se realizou. Às vezes de forma embrionária, mas quase sempre de forma efetiva: no final da Revolução Francesa (cf. Daniel Guérin, em uma exposição, em 1974, "A procura da Autogestão em 1793", num seminário sobre autogestão). Pode-se encontrar também na tumultuosa Comuna de Paris em 1871; em 1905, na Rússia, com o nome de soviets (Conselhos de base). Entre 1918 e 1921, de novo na Rússia, sendo impedida pelos ditadores Lênin e Trotski. Na Itália, antes do fascismo, na Espanha, durante

a guerra civil (1936-1939) em forma de coletividades libertárias camponesas e na gestão e administração das fábricas; na Jugoslávia, entre 1950 e 1965, dificultada pelo Estado "socialista"; na Argélia; etc. . .

Hoje em dia, existe uma infinidade de estudos sobre este assunto na Europa. Sendo discutido e concebido de diversas formas por democratas, anarquistas, socialistas e até comunistas. Segundo os seus principais teóricos, a autogestão se deve realizar em todos os níveis da sociedade. Onde a Universidade seria apenas um desses níveis: de que maneira na Universidade?

A partir, inicialmente, da criação de organismos (como a FLE), que desmistifiquem e combatam a manipulação dos Diretórios estudantis e partidos políticos sobre nós, que estejam desvinculados e descomprometidos com aqueles que têm o Poder, ou daqueles que pretendem o Poder para si. A partir da criação de comitês de base — sem chefias, nem imposições.

A autogestão estudantil seria, cada vez mais, a maior e permanente participação de nós estudantes nas questões que nos dizem respeito: horários, normas, currículos, exames, professores, etc. Todas essas coisas são-nos impostas: currículos e disciplinas impostas, professores também, desonestidade intelectual, normas, leis, restrições e mais restrições que nos submetem, que nos restringem, sem ao menos termos direito de protestar. A autogestão estudantil seria, então, a forma de termos permanentemente em nossas mãos, o poder de decisão, de organização, de transformação da instituição universitária, sem nenhuma interferência, nem ingerência dos grupos de pressão, no qual o Estado tem o papel principal.

LR — Vocês são o único grupo que se posiciona a favor dos movimentos das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos dissidentes, etc, como vocês pensam isso?

FLE — Como disse Glucksmann: "É um engano achar que são movimentos marginais, de uma minoria, pois em número constituem a maioria das pessoas". Por outro lado, é preciso notar que são "movimentos de governados" que lutam e exigem seus direitos. A característica principal desses movimentos é de terem abandonado as idéias reformistas, em que tudo se resolveria a partir do controle político pela via eleitoral; ou então a pretensão do pensamento revolucionário jacobino-marxista (do início do século) que acreditava que depois de tomado o Poder a sociedade se transformaria.

Esses movimentos pretendem "transformar a vida das pessoas diretamente, sem esperar pela autorização do Estado. O importante — como diz Glucksmann — é que ninguém quer se tornar governante. O que se pretende é fazer recusar o

Estado, a autoridade, cercar o campo de liberdade dos governantes".

IR — Quais os erros em que incorrem os grupos estudantis que aspiram tomar para si o controle do DCE?

FLE — O erro fundamental desses grupos é a crença em que o sucesso do Movimento Estudantil (ME), como um todo, depende de um rígido controle, de um dirigismo sobre o mesmo; acham eles que lhes cabe a "liderança" do ME. Liderança esta, segundo eles, indispensável à existência do próprio movimento.

O que ocorre, entretanto, na prática, é que a ânsia de comandar e o esforço de propaganda no sentido de legitimar tal papel perante os colegas, acaba por isolá-los da maioria. O efeito danoso que isto acarreta é que perante a grande maioria dos universitários o ME "são" essas pessoas. Pois o membro do "ME" é aquele indivíduo que tem tais e tais atitudes, determinado tipo de comportamento, etc. . . É baseada nesta imagem estereotípica do "líder" que se funda a distinção básica existente na cabeça de qualquer estudante entre os membros e não-membros do movimento. Ora, disso resulta imprudente todo esforço de expansão levado a cabo pelas "lideranças", porque este simplesmente se choca com uma questão de identidade do próprio estudante, para quem não parece haver lugar no ME, a menos que

aceite certas características que o permitam ascender à "inteligentzia". Caso contrário, resta ainda a possibilidade de participar como "cordeiro" (o que não está muito longe da não-participação).

Diante do estudante, qualquer apelo soa como "participe mas obedeça", e é realmente desta forma que ocorre. Toda uma linguagem ditada de cima para baixo com tal veemência tem isolado esse tipo de ME. E assim o "ME" continua seu círculo vicioso de reuniões fechadas para um grupo de "iniciados", de "líderes" sem liderados.

IR — Qual o papel dos partidos políticos na atual conjuntura brasileira?

FLE — Os partidos que aí estão, não os consideramos como tais; portanto, não vemos utilidade para eles, a não ser servirem de suporte para o cinismo da "democracia relativa": onde um partido ganha sempre e o outro jamais ganhará. A partir desta constatação, temos que quem se filia a qualquer dos dois partidos, Arena ou MDB, está em verdade emprestando um ar de democracia onde só existe arbítrio. Para nós, os partidos só atingem sua finalidade (tentar representar alguns interesses dos cidadãos), quando a sociedade é multipartidária e as agremiações têm fundo ideológico. É esta sociedade que defendemos, a verdadeira democracia, onde todos os segmentos de população possam se agremiar em organizações sem entraves legais.

IR — Quanto aos sindicatos, qual deve ser sua finalidade juntamente com o proletariado?

FLE — O sindicato é a organização operária por excelência. Muito mais que qualquer partido, o sindicato conta com o concurso dos trabalhadores. Com seus problemas, interesses e principalmente com sua efetiva participação. No sindicato ninguém representa ninguém. Todos agem. Pela melhoria das condições de vida dos operários. Pelo controle democrático da sociedade. Pela implantação do socialismo no caso do sindicalismo revolucionário. Claro está que estamos falando de sindicatos, e não da farsa que são as associações beneficentes em que se transformaram os sindicatos brasileiros. E não só depois de 64. A exceção do sindicalismo do final do século XIX e meados do presente século, os sindicatos brasileiros sempre estiveram profundamente comprometidos com os governos, ou então com interesses outros que não os da classe trabalhadora. A função do proletariado, no momento, é a de tentar recuperar o sindicato para sua verdadeira finalidade: a defesa intransigente dos interesses dos trabalhadores para sua própria emancipação. E isto só poderá ser feito através do sindicalismo livre, sem controle do Governo ou dos partidos. Só assim o proletariado torna-se agente transformador na Sociedade. Através de partidos, ministérios de trabalho, etc. . ., o proletariado é bucha de canhão em guerra alheia.